

Universidade Federal de São Carlos

Departamento de Ciências Agrária

Alessandra Maria Garcia Barbosa

**Ensino para Alunos com Dislexia: o que conhecemos e o que ainda
precisamos saber sobre este campo?**

Araras – São Paulo

2023

Alessandra Maria Garcia Barbosa

Ensino para Alunos com Dislexia: o que conhecemos e o que ainda precisamos saber sobre este campo?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências agrárias da Universidade Federal de São Carlos, para a obtenção do título de Licenciatura em Física

Orientadora: Profa. Dra. Nataly Carvalho Lopes

Araras-SP

2023

Alessandra Maria Garcia, Barbosa

Ensino para alunos com dislexia: o que conhecemos e o que ainda precisamos saber sobre este campo? / Barbosa Alessandra Maria Garcia -- 2023.
31f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras
Orientador (a): Nataly Carvalho Lopes
Banca Examinadora: Samantha Camargo Daroque, Estéfano Vizconde Veraszto
Bibliografia

1. Dislexia. 2. Educação para alunos com dislexia. 3. Avaliação para alunos com dislexia. I. Alessandra Maria Garcia, Barbosa. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Helena Sachi do Amaral - CRB/8
7083



Universidade Federal de São Carlos

CAMPUS ARARAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO
CCA-UFSCar



Disciplina: Monografia II

BANCA DE DEFESA DA MONOGRAFIA

Aluno (a) avaliado (a): ALESSANDRA MARIA GARCIA BARBOSA

Título do trabalho: “**Ensino para Alunos com Dislexia: o que conhecemos e o que ainda precisamos saber sobre este campo?**”

Data da apresentação/horário: Araras, 06 de SETEMBRO de 2023, às 1:30h, HÍBRIDO sala de videoconferência CCA UFSCar

AVALIADOR 1:

Nome Completo: Profa.Dra. **Samantha Camargo Daroque**

Instituição de origem: Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação - DCNME UFSCar campus Araras

Parecer: O trabalho apresenta mérito acadêmico e científico condizente com um trabalho de conclusão de curso, de modo que a banca o considera aprovado. A aluna e a orientadora se comprometem a fazer as alterações sugeridas.

Nota: 9

AVALIADOR 2 :

Nome Completo: Prof.Dr. **Estéfano Vizconde Verasztó**

Instituição de origem: Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação - DCNME UFSCar campus Araras

Parecer: O trabalho apresenta mérito acadêmico e científico condizente com um trabalho de conclusão de curso, de modo que a banca o considera aprovado. A aluna e a orientadora se comprometem a fazer as alterações sugeridas.

Nota: 9

ORIENTADOR :

Nome Completo: Profa.Dra. Nataly Carvalho Lopes



Universidade Federal de São Carlos

CAMPUS ARARAS

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO
CCA-UFSCar**



Instituição de origem: Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação - DCNME UFSCar campus Araras

Parecer: O trabalho apresenta mérito acadêmico e científico condizente com um trabalho de conclusão de curso, de modo que a banca o considera aprovado. A aluna e a orientadora se comprometem a fazer as alterações sugeridas.

Nota: 9

RESULTADO

() A monografia foi aprovada sem ressalvas¹.

(x) A monografia foi aprovada, com algumas modificações sugeridas, que deverão ser incorporadas à mesma e devolvida ao orientador (da UFSCar) no prazo estipulado.

() A monografia necessita de reformulações e a aprovação ficará condicionada à efetuação das mesmas pelo discente, no prazo estipulado e após nova avaliação pelo orientador

() A monografia foi reprovada, pois não atende às exigências estabelecidas para um TCC.

Assinaturas dos Avaliadores e do Orientador (a)

Profa.Dra. Nataly Carvalho Lopes

Profa.Dra. Samantha Camargo Daroque

Prof. Dr. Estéfano Vizconde Veraszto

PARECER E CONCEITO FINAL: Aprovada, Nota: 9

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer aos meus pais. Meu pai que sempre me mostrou que mesmo com todas as dificuldades causadas pelas dislexia é possível sim ser uma pessoa bem sucedida e claro estar concluindo minha graduação em física se deve totalmente à ele, afinal foi ele quem ficou na minha cabeça dizendo o quanto esse curso era importante, quem diria que eu ia gostar tanto. A minha mãe que sempre fez o meu ambiente ser o melhor possível, ela entendia das minhas dificuldades e sempre me estimulava a achar minha maneira de fazer as coisas, me ensinou que o importante é aprender, não importando o tempo que isso leve. Sem dúvida eu não seria nada sem vocês dois. Claro que minha irmã sempre foi de vital importância, se não fosse ela segurar minha mão em cada surto eu não teria chegado ao fim dessa graduação, afinal somente ela para entender o quanto é importante salvar o mundo jogando video game, obrigada por aguentar cada surto meu.

Sem dúvidas, as amizades que fiz nessa graduação me deram a força necessária que eu precisava, seja em boas risadas ou em sentar e estudar juntas por horas, Natalia e Bruna vocês não sabem o quanto foram importantes nessa minha jornada. Agradeço também aos meus professores, principalmente ao Alexandre Colato e João Teles, que apesar de todas as vezes que me fizeram surtar de tanto estudar, me mostraram o quanto física é maravilhosa e que eu não devia desistir dessa faculdade. E a minha orientadora Nataly, que já na nossa primeira aula me mostrou que era possível eu escrever bem, me desculpa por todos os erros que cometi neste trabalho, eu não poderia querer outra orientadora se não você.

Não posso deixar de agradecer a Alessandra do passado, que mesmo viajando constantemente para outros mundos dentro da cabeça conseguiu achar seu caminho e sua maneira de aprender, aquela garota do passado sentiria orgulho de onde chegamos e do caminho que pretendemos seguir, sem dúvida viver nessa realidade é melhor do que qualquer outra que pudemos criar.

E por fim a frase do livro que me fez ver que o importante não é onde chegamos e sim a jornada que fazemos.

“Só existe um modo de triunfar sobre a morte: tornando nossa vida uma obra-prima.”

(Origem, Dan Brown, 2017)

RESUMO

Alunos constantemente são taxados como desinteressados e ou desmotivados quando na verdade não são diagnosticados da forma correta e o fato de terem dislexia passa despercebido, muitas vezes a dislexia é vista como uma dificuldade de leitura e ou escrita quando na verdade ela é muito mais profunda e deve ser entendida como um todo, a dificuldade se estende também para outras áreas de ensino, como matemática, física, química, entre outras. Esse trabalho se debruça em um depoimento real da autora e a partir de levantamentos bibliográficos procurar avanços na forma de identificar, ensinar e avaliar alunos com dislexia, assim como busca entender o que falta ser ensinado nessa área.

Um professor deve ser capaz de ensinar qualquer aluno dentro da sala de aula independente das suas dificuldades e limitações, mas como não podemos afirmar como sua formação ocorreu e qual o seu conhecimento acerca do tema, o intuito desse trabalho é ser um instrumento de reflexão que possa auxiliar todos os educadores quando o assunto é dislexia.

Palavras-chave: dislexia; educação; ensino; avaliação.

ABSTRACT

Students are constantly labeled as uninterested and/or unmotivated when in fact they are not diagnosed correctly and the fact that they have dyslexia goes unnoticed, dyslexia is often seen as a difficulty in reading and/or writing when in fact it is much deeper and must be understood as a whole, the difficulty also extends to other areas of teaching, such as mathematics, physics, chemistry, among others. This work focuses on a real statement from the author and, based on bibliographical surveys, seeks advances in the way of identifying, teaching and evaluating students with dyslexia, as well as seeking to understand what remains to be taught in this area. A teacher must be able to teach any student within the classroom regardless of their difficulties and limitations, but as we cannot say how their training occurred and what their knowledge is on the subject, the aim of this work is to be an instrument of reflection that can help all educators when it comes to dyslexia.

Keywords: dyslexia; education; teaching; assessment.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 QUESTÃO DE PESQUISA.....	12
3.1 OBJETIVOS.....	12
4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	13
4.1 UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	13
4.2 O QUE É DISLEXIA?.....	13
4.3 CARACTERÍSTICA DE UM DISLÉXICO.....	14
4.4 PAPEL DOS PROFESSORES.....	15
4.5 ATITUDE DOS PAIS E EDUCADORES.....	16
4.7 NEE E DISLEXIA NO ENSINO.....	16
5 PROPOSTA E METODOLOGIA DE PESQUISA	18
5.1 TIPOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS.....	19
6 ANÁLISE DE DADOS.....	20
6.1 COMO IDENTIFICAR.....	20
6.2 FERRAMENTAS DE ENSINO.....	21
6.2 FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO.....	23
6.3 O QUE FALTA EM PESQUISA.....	23
7 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 Introdução

Eu sou a Alessandra Garcia, na verdade passei a usar o Garcia quando entrei na faculdade e acreditem essa não foi a única mudança. Antes de eu entrar na faculdade eu era uma moça extremamente perdida, eu queria muito cursar uma faculdade, mas nunca ia bem nos vestibulares, sempre batia na trave ou passava bem longe, mas acredito que para contar essa história é melhor voltarmos no tempo.

Nunca fui uma aluna brilhante, longe disso, mas eu tinha aquele comportamento que todo professor procura em um bom aluno, eu era quieta, nunca questionava e nem dava nenhum tipo de problema, mas isso nunca significou que eu estava aprendendo, muito pelo contrário, eu não estava entendendo nada, mas eu me fechava na minha bolha por ter muita vergonha de falar algo.

Depois de muito tempo, descobriram que eu tinha dislexia e nunca foi visto como um problema muito grande. Nessa época, meus pais trabalhavam muito, então eles me davam toda a atenção que podiam, o que não era muito, mas posso dizer com segurança que o pouco que aprendi naquela época foi com minha mãe.

Então, os anos foram passando e na escola pública, nunca pensaram em me reprovar, então mudei para uma escola particular onde eu posso afirmar que eu fui vítima do sistema. Como eu já disse, eu era a aluna perfeita e quando mudei de escola percebi que sabia menos do que imaginava, mas isso não era um problema para aquela escola, afinal meus pais pagavam todo mês as mensalidades. Eu me lembro que ficava de recuperação em todas as matérias e até estudava para passar, mas não tanto, pois eu no fundo sabia que ia passar. Lembro que meus pais ficaram muito bravos com a escola e sempre conversavam com os coordenadores, mas a resposta deles sempre era: "Poxa, mas ela é uma gracinha e educada", conclusão: não resolveu nada.

Então, meus pais me mudaram para outra escola que prometia ter uma postura diferente e eles tiveram. Eu estava entrando no ensino médio e me lembro que tirei zero em uma prova, por tantos erros de português, eu era praticamente analfabeta e não tinha noções matemáticas, no final daquele ano eu reprovei o primeiro ensino médio. Isso me deixou muito mal, eu sentia que estava sendo punida por ter sido eu mesma, eu não sabia como fazer diferente e eu da minha maneira estudava, então o que eu precisava mudar? Foi bem difícil superar isso, pois a repetência sempre foi vista como somente para os alunos que não se dedicam e bagunçam e muita gente, até mesmo meus parentes passaram a olhar estranho para mim.

Meus pais fizeram eu continuar naquela escola e ainda me disseram: “Não é culpa sua ter reprovado e sim o fato de que você nunca aprendeu, essa escola aqui é boa reprovar você foi um exemplo disso, você vai superar essa”.

Não foi fácil voltar para o mesmo colégio, vendo todos os meus colegas avançando e eu parada no mesmo lugar, e me senti muito deprimida, no final do primeiro semestre quando eu ainda estava indo muito mal, minha mãe sentou comigo e disse: “Se você continuar no mesmo caminho, vai chegar no mesmo lugar”. Aquilo fez toda a diferença para mim, por mais bobo que parecesse, mas eu entendi ali naquele momento que eu precisava mudar, precisava aprender a aprender.

Continuei meu ensino médio naquela escola, e posso dizer que tanto os coordenadores quanto os professores sempre me deram muito apoio e acompanhamento com os meus pais, ali eu comecei a desenvolver quem eu era. Enquanto meus colegas estavam aprendendo conceitos avançados de física, eu tinha que me preocupar em como fazer uma divisão com frações, foi difícil não vou negar e só lá no final do meu terceiro ano é que eu estava no mesmo nível que minha turma, eu me formei, apesar de todas as dificuldades, saí com conteúdo.

Começava então uma nova fase na minha vida, entrar em uma universidade, e foi difícil, pois eu ainda tinha muitas dificuldades, observem que nesse tempo todo a minha dislexia foi deixada de lado, ela era um dos fatores que me impedia de aprender, mas vistos tantos problemas, ela nem foi levada em conta. Eu não conseguia passar em nenhum vestibular, eu queria a área de biologia, mas nunca entrava em nada.

Até que um dia com a nota do meu Enem meu pai disse, “por que você não cursa física?”, achei que ele estava ficando biruta, eu detestava essa matéria e não entendia nada, mas ele disse que só aprendendo direito eu saberia se gostava ou não. Então eu entrei no curso de licenciatura de física. Na minha primeira aula de física geral, respirei fundo antes de entrar na sala e pensei “O que é que eu estou fazendo aqui?” Mas por mais inacreditável que pudesse ser, eu estava preparada para estar ali, meus colegas tiravam dúvidas comigo, eu tinha notas boas, entendia a matéria e conseguia responder às perguntas dos professores, eu nunca imaginava que chegaria nesse nível, comecei a conquistar algumas coisas, como por exemplo, ser a primeira bixete tutora em matemática. Nada disso aconteceu por mero milagre e sim porque a Alessandra do passado está preparada para aprender, eu sabia como tinha que estudar e me dedicava muito para entender tudo.

Bom, esse foi um resumo de tudo que passei, observem que a dislexia não me impediu de chegar longe, mas ela também me deu muitas dificuldades, dificuldades essas que nunca

nem foram consideradas. Eu tive sorte, pois tenho pais que souberam me guiar e nunca desistiram de mim, mas se eu não tivesse pais assim, será que teria chegado tão longe, bom eu não tenho essa resposta mas eu acredito que não.

Pensando em tudo, eu cheguei em uma questão: o que sabemos sobre ensinar alunos com dislexia? essa introdução ajuda a nortear minha questão de pesquisa, olhando pra minha história pude perceber coisas que poderiam ter me ajudado lá atrás.

2 Justificativa

De acordo com a declaração de Salamanca, várias crianças apresentam Necessidades Educativas Especiais NEE, sendo de vital importância as escolas receberem esses alunos e auxiliarem no seu desenvolvimento, buscando a melhor forma para isso. Em 2017 um projeto de lei aprovado pela câmara dos deputados decretou que:

Art. 1º É assegurado às pessoas com dislexia ou outros transtornos funcionais específicos, comprovados por meio de laudo médico, o direito à realização de provas em processos seletivos para acesso a emprego ou instituição de ensino, com recursos adequados à sua condição (PROJETO DE LEI N.º 8.489, 2017, pg.2).

Porém, a resposta desse ensino nem sempre é a melhor possível e alguns alunos podem nunca serem vistos da forma adequada dentro de uma sala de aula. Assim, é necessário compreendermos como a pesquisa em ensino tem se debruçado sobre esta questão.

Neste trabalho, mergulhamos no conceito dislexia e como esse tema é contemplado pelos professores. Entender a dislexia é de extrema importância não somente para a escola e para a família que podem agir ativamente sobre os alunos, mas principalmente para o aluno, para que ele possa receber a ajuda necessária e enfrentar suas dificuldades. (LOPES, 2011).

Assim, o termo dislexia é usado para descrever a dificuldade de escrita e conseqüentemente a da linguagem falada, por muitas vezes, ocorrendo a confusão entre fonemas. Tal dificuldade ocorre, se no processo de aquisição da leitura os alunos não desenvolverem essa habilidade, isso irá se manifestar na sua escrita, fala e conseqüentemente em todo seu processo de aprendizagem (SERRA, 2008). A dislexia recebeu a denominação de “Perturbação da leitura e da escrita” (LOPES, 2011) e é muito comum que muitos não sejam diagnosticados disléxicos e sejam taxados como desinteressados e ou desmotivados.

Um ponto crítico que precisamos destacar sobre esse tema, é a formação dos professores, pois parece impensável esperar que eles possam acompanhar e ajudar um aluno efetivamente com NEE, uma vez que nem ao menos ele teve o conhecimento necessário para isso.

Em alguns casos, enquanto estão na graduação, os futuros professores possuem uma instrução adequada, aprendendo sobre diversos assuntos e aplicando-os na prática, como nos estágios, por exemplo. Há também outros locais de ensino que acabam deixando de lado o ensino específico sobre algumas necessidades, gerando assim uma defasagem no

processo educacional dos futuros docentes. Dessa forma, a qualificação em ensino especial acaba ocorrendo em uma pós-graduação (LOPES,2011)

Se um professor não consegue identificar um aluno com dificuldade de aprendizagem (DA), não conseguirá avaliá-lo e não entenderá que o aluno aprende de forma diferente. (LOPES, 2011).

Descobrir o quanto se conhece sobre esse assunto e como ele está diretamente ligado aos professores não é um trabalho banal, pois um estudo no qual procura-se obter mais conhecimento visando alcançar e ajudar pessoas, não é desinteressante nem desmotivador. Quando ensinamos, não transmitimos apenas o conhecimento mas sim incentivamos e motivamos o próximo.

3 Questão de Pesquisa

Segundo os trabalhos já feitos sobre o tema, o que sabemos sobre ensinar alunos com dislexia? Existem estudos que mostram ferramentas de como deve ser feita a estruturação de uma aula para esses alunos? E o que dizem sobre a forma de avaliar alunos com dislexia?

3.1 Objetivos

Objetivo Geral

Fazer um levantamento, a partir de revistas e teses da área, para discutir de que maneira o tema dislexia já foi pesquisado e estudado, procurando encontrar os avanços que já foram obtidos

Objetivos Específicos

Os objetivos deste trabalho estão focados em:

- Compreender de forma aprofundada qual é a melhor forma de desenvolver aulas para alunos com dislexia, entendendo suas vertentes e enfrentamentos.
- Verificar o que desse assunto já foi estudado proporcionando avanços na área.
- Verificar o que ainda precisa ser pesquisado neste campo.

4 Levantamento Bibliográfico

4.1 Uma educação inclusiva

Por volta dos anos 1990, foi definida a ideia de “escola integrada” onde crianças que eram vistas como problemáticas, por terem algum tipo de deficiência, não deveriam mudar seu jeito e sim que a escola deveria se adaptar às suas necessidades (LOPES, 2011). Entretanto, cada aluno é único, sendo assim, o ensino deve ser personalizado e ter por objetivo promover o desenvolvimento de cada ser. O que contribuiu para esse processo tomar forma foi a *Conferência Mundial de Salamanca*, que ocorreu em 1994 em Salamanca e foi organizada pela UNESCO e o governo espanhol, a “Declaração de Salamanca” destaca pontos importantes tais como:

O princípio que orienta esta Estrutura é o de que as escolas deveriam acomodar todas as crianças independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras[...] Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. (Declaração de Salamanca,1994, p.3)

A ideia de educação integrada é ser um degrau para alcançar a educação inclusiva, pois dessa forma, alunos com NEE podem ser admitidos no processo educacional. É importante destacar nesse ponto, que a escola deve ser capaz de se adaptar à diversidade dos alunos, utilizando de estratégias pedagógicas para isso (LOPES,2011). Estão incluídas nessa educação, discentes com qualquer tipo de necessidade, sendo estas físicas ou intelectuais.

4.2 O que é Dislexia?

Se trabalharmos a palavra “Dislexia” temos que, “dis” (dificuldade) e “lexia” (linguagem), ou seja é uma característica por falta de habilidade na linguagem que afeta a leitura. (OLIVEIRA, 2016).

Quando estudamos a fundo os conhecimentos acerca da dislexia percebemos um certo vácuo na área pedagógica, muito já foi desenvolvido na área, mas por vezes ocorre a falta da ligação do conteúdo e o professor.

Por volta de 1970 foi definido pelo presidente da federação de neurobiologia, o Dr. McDonald Critchley que a dislexia é uma perturbação, manifestando dificuldade de aprendizagem de escrita, sendo essa perturbação em uma parte básica do nosso cérebro. (COGAN, 2002).

Imaginando a dislexia como um elefante que tateamos de olhos fechados, se tocarmos apenas a tromba pensamos se tratar de um tipo específico de animal, quando tocamos no tronco sentimos outra espécie completamente diferente, assim a dislexia deve ser olhada como um todo para ser entendida de fato.

Com estudos aprofundados na Harvard Medical School, descobriu-se que existem diferenças de assimetria nos dois lados do cérebro de alguém disléxico, fazendo com que o lado direito responsável pelas formas não se comunique perfeitamente com o lado esquerdo que é responsável pela ligação do símbolo ao som, corroborando a ideia de que por esse motivo, a aprendizagem da leitura ocorre de forma diferente (COGAN, 2002).

Basicamente, é como se estivéssemos olhando sempre uma língua nova que acabamos de aprender, nós vemos e ouvimos bem a palavra, mas temos uma dificuldade maior de traduzir.

Outro fato importante em relação a essa dificuldade é que como o cérebro de um disléxico “gasta” muito tempo e foco para compreender as palavras o significado da história passa despercebido, prejudicando a interpretação de texto e fazendo com que a leitura não seja prazerosa.

Não significa que um dislexico não seja capaz de ler um livro, é importante ressaltar que estamos falando de uma dificuldade de aprendizagem e não uma incapacidade, quem tem dislexia aprende de outra forma, muitas vezes usando da criatividade.

4.3 Características de um Dislexico

Podemos citar algumas características de alunos com dislexia, algumas delas que apresentam dificuldades e outras habilidades, mas que facilitam na identificação (RIBEIRO, 2009)

Dificuldades

- Confusão com sentenças longas, principalmente em teses;
- Confusão com símbolos matemáticos;
- Dificuldades de estruturação;
- Dificuldade de entendimento de palavras menos familiares ou não visualizáveis;
- Troca de instruções em etapas;
- Dificuldade de rastrear informações importantes dentro de sentenças longas;

- Dificuldade de memorização da tabela periódica;
- Perda de sinais em contas longas;
- Confusão com direita e esquerda, leste e oeste;

Habilidades

- Imaginação vivida;
- Habilidade em gerar ideias;
- Aprendizagem rápida com instrução mínima;
- Alta persistência e concentração, quando interessados;
- Curiosidade intelectual;
- Elaboração de perguntas complexas e persistência até alcançar a informação desejada;
- Interesse quase obsessivo em áreas específicas, a ponto de se tornarem especialistas nestes domínios;
- Processamento associativo-dedutivo;
- Criatividade;
- Bom desempenho em exames orais;

4.4 Papel dos professores

“Se a criança com dislexia não aprender da maneira que você ensina, será que é capaz de ensinar de maneira que ela aprenda?”(COGAN, 2002, pg.13).

De maneira geral, supomos que os educadores deveriam ser capazes de identificar um aluno com dislexia, como não podemos afirmar como foi a sua formação, nos resta supor que tenham conhecimento necessário e ou estejam em contato com investigações científicas a respeito do tema.

O ideal seria que cada escola contasse com um apoio de um especialista para auxiliar os professores perante qualquer dificuldade que um aluno apresenta, isso facilitaria não só o diagnóstico, como também teríamos as melhores ferramentas para ensinar o aluno, infelizmente isso não ocorre em grande parte das escolas brasileiras (COGAN, 2002).

Logo notamos que boa parte da responsabilidade recai sobre o professor, pois espera-se que esse tenha tido uma formação adequada e saiba lidar da melhor forma possível com qualquer tipo de aluno. Contudo, isso nem sempre acontece, visto que não podemos afirmar como se ocorreu a formação dos educadores e se tiveram aulas sobre alunos com NEE em sua graduação é importante destacar que muito sobre o tema dislexia começou a ser impulsionada por volta dos anos de 1994, com a conferência de Salamanca alavancando os estudos.

4.5 Atitudes dos pais e Educadores

A família de uma criança com dislexia é de vital importância para o seu desenvolvimento, pois é nesse âmbito que ela irá encontrar apoio e incentivo para prosseguir com seu conhecimento. No início, os pais passam por uma negação e insegurança com o futuro de seus filhos, mas assim que aprendem a viver com essa realidade, se tornam um pilar para o desenvolvimento, pois entendem que não significa que seus filhos não irão aprender, mas que será necessário encontrar outras estratégias para isso (SERRA, 2008).

Apesar do conceito escola inclusiva ter o propósito de acolher qualquer tipo de aluno, isso na prática apresenta uma dificuldade muito maior, por base temos que a (Declaração de Salamanca, 1994, p.9) "Preparação apropriada de todos os educadores constitui-se um fator chave na promoção do progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas[...]". Os professores, administradores e outros profissionais da área devem juntos identificar um aluno com algum tipo de necessidade diferenciada e encontrar formas diversas para promover a aprendizagem, levando assim o aluno ao sucesso educativo (SERRA, 2008).

No caso sobre ensino-aprendizagem da dislexia, são necessárias estratégias específicas para esses tipos de alunos, não sendo recomendadas avaliações com extensos conteúdos, corrigir o aluno na frente dos colegas, ser impaciente, destacar suas dificuldades diante a turma, corrigir seus trabalhos com caneta vermelha, entre outras coisas. Neste caso, o professor precisa entender que se este aluno não entender o conteúdo que está sendo ensinado o aluno irá se distrair (CARNEIRO, 2011). O docente pode transmitir cada etapa para o aluno de forma estruturada e expositiva, sempre salientando o seu progresso.

4.6 NEE e Dislexia no Ensino

Quando pensamos em alunos com dislexia, temos em mente que estes terão apenas dificuldades com a leitura e a escrita, é importante destacar que todo conhecimento é formado por pequenos pedaços que formam um todo, logo se o aluno não lê corretamente

sua dificuldade não será apenas em português, mas também em todas as matérias que exija alguma interpretação da sua parte.

Ao analisar as características de um disléxico, podemos imaginar em um contexto histórico que antes do letramento eles eram os melhores contadores de história, por terem uma alta capacidade de imaginação (LIMA, 2013). Sendo assim, uma técnica muito eficaz para ensinar ciência, por exemplo, seria fazer assimilações com situações que podem ser encontradas em filmes e ou desenhos. Não diga apenas ao aluno o que é uma erosão, encontre um exemplo no qual ele possa imaginar estar diante dessa erosão, é um exemplo de como fazer assimilações.

Outro método que pode auxiliar é a utilização de softwares com simulações, por exemplo, um circuito elétrico, o aluno será capaz de visualizar como a corrente flui e toda explicação que vier depois disso será fácil para ele, pois ele pode ver em sua cabeça. Essa técnica pode beneficiar qualquer tipo de aluno.

A dislexia não é um empecilho para o aprendizado, grandes nomes da ciência eram disléxicos como Albert Einstein (físico), Alexander Graham Bell (cientista), Charles Darwin (cientista), Leonardo da Vinci (cientista, matemático, pintor), entre outros (LIMA, 2013). Apenas é preciso entender que eles possuem uma forma diferente de aprender e que as técnicas mais comuns para eles, como provas extensas com conteúdo muito abrangente, por exemplo, não são capazes de avaliar o seu real conhecimento, já que por sua vez ele possui dificuldade em executar.

Entender que um disléxico tem uma dificuldade que vai muito além do ensino da escrita e da leitura faz com que novas técnicas de ensino sejam aplicadas, fazendo com que um aluno que parece ser desinteressado mostre sua real capacidade.

5 Metodologia de Pesquisa

De acordo com a questão de pesquisa deste trabalho, estruturou-se em pesquisas qualitativas e bibliográficas coletando diferentes textos referentes ao tema dislexia.

Primeiramente, a pesquisa bibliográfica teve o auxílio da professora, pois a autora sentiu dificuldade em achar textos referentes ao tema, a professora sugeriu procurar por palavras chaves e onde poderiam ser achados trabalhos relacionados ao tema.

Foi usado o Google Acadêmico com busca por trabalhos somente em português, as palavras de pesquisas iniciais foram: “dislexia”, “dislético”, “ensino para disléxicos”, “ensino de ciências para alunos com dislexia”. Essa busca apresentou algumas revistas, e-books e teses diferentes, então foi necessário haver uma análise superficial dos bancos e selecionar quais trabalhos iriam ser estudados. O título foi um chamativo para o trabalho ser escolhido, visto que ele tinha alguma ligação com a autora.

Foram analisadas duas teses do Repositório Científico da Lusófona (ReCil) onde é possível encontrar trabalhos produzidos por esse grupo de forma gratuita e universal. Um documento disponibilizado pelo MEC da conferência de Salamanca “Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais”. Uma tese apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Medicina, em 2009. E a revista Repositório um ebook com o título: “Ensino de Ciências Educação”.

Esses trabalhos auxiliaram na construção do levantamento bibliográfico, no entendimento da autora sobre o conceito a ser estudado e no tipo de pesquisa que seria feito nesse trabalho uma vez que este estudo inicial norteou futuras pesquisas.

Para as análises de dados houveram buscas por revistas, teses e artigos que abordam esse assunto com uma linha temporal de 1995 até o ano 2021, levando em consideração o impulso que a conferência de Salamanca deu às crianças com NEE e também buscando relações com os trabalhos antes pesquisados para essa tese.

Ainda utilizando o google acadêmico para buscas do tema utilizando as seguintes palavras chaves: “ensino”; “alunos com dislexia”; “estratégias para alunos com dislexia”, e também utilizando os trabalhos anteriores com suas referências para nortear as futuras pesquisas, chegando em um quadro de seis trabalhos para a análise.

Foi utilizado o guia *Dyslexia International Tools and Technologies* (D I T T), que é uma organização não governamental aberta para pais, alunos e professores com interesse

voltado para crianças com dificuldade de aprendizado. Uma tese da UFPB com relato de caso clínico e mais uma tese da UFRGS com o enfoque na educação para uma pessoa com dislexia. Um artigo encontrado na web artigos mostrando estratégias práticas para o ensino e duas revistas distintas, a primeira do acervo da Iniciação Científica e a segunda da Don Domênico.

Por fim, todos os trabalhos foram estudados cuidadosamente para compor essa análise, como este trabalho tem por o objetivo a conclusão do curso de licenciatura em física, o foco para os textos escolhidos foram aqueles que levassem em consideração ensino, principalmente ensino de ciências, e não somente focado na área médica a respeito da dislexia. Também levando em conta a experiência da autora (o que foi um chamativo para as escolhas dos títulos) e também se aprofundando em dados concretos.

O quadro abaixo mostra os textos que foram analisados para esse trabalho, assim como sua numeração que será usada para facilitar na leitura das análises a seguir.

Numeração	Título	Autor	Ano
1°	O que os professores podem fazer: a dislexia nas várias culturas. Bruxelas: DITT.	Cogan, P.	2012
2°	Intervenção Psicopedagógica e Dislexia: Um relato de caso clínico.	Oliveira, M	2016
3°	O papel do psicopedagogo, suas intervenções e estratégias em alunos com dislexia	BERGAMINI , T. D. D.	2014
4°	Dislexia e o ensino de ciências	SILVA, R	2013
5°	Dislexia: O grande Desafio em Sala de Aula.	ALMEIDA, G	2009
6°	Dislexia na Educação escolar	TITONI,C	2010

quadro 01: Referências analisadas

5.1 Tipologia das Análises de dados

Uma das formas mais adequadas para analisar as informações coletadas é utilizando a análise textual discursiva uma ótima ferramenta para pesquisas qualitativas, a partir dela é possível separar elementos do texto de acordo com suas semelhanças e posteriormente ir categorizando cada elemento (MORAES, 2006). Ela representa uma excelente ferramenta para esse trabalho.

6 Análise de Dados

Em observações superficiais sabemos que as escolas e os professores nem sempre estão preparados para receber todo tipo de aluno, assim como mencionado por (LOPES, 2011) o ensino sobre alunos com NEE acaba ocorrendo depois da graduação e se pensarmos na dislexia que não é uma necessidade vista a olho nu, podemos presumir que o problema se agrava.

Caso haja essa opção, a escola deverá encaminhar o aluno ao psicopedagogo, um profissional especializado capaz de adotar procedimentos para ensinar e prevenir problemas de aprendizagem (3°).

Também é papel do psicopedagogo institucional ou clínico prevenir possíveis problemas de aprendizagens, identificá-los e tratá-los de forma terapêutica e lúdica, com formas específicas de ajudar aquele aluno com problemas de aprendizagem (O Papel do Psicopedagogo, suas Intervenções e Estratégias em alunos com dislexia, BERGAMINI, 2014, grifo nosso).

Caso a escola não conte com o auxílio desses profissionais, algumas ferramentas, que aqui foram analisadas, podem ajudar tanto a reconhecer um aluno com esse distúrbio, quanto ajudar no ensino e avaliação. Essas ferramentas foram escolhidas pela autora segundo sua análise a respeito dos trabalhos lidos.

6.1 Como identificar

Grande parte dos alunos são considerados desatentos e desmotivados, seja na sala de aula ou nas tarefas de casa, temos que ter em mente a diferença entre crianças com problemas para tirar boas notas daquelas com dificuldade de aprendizado.

[...]É comum o professorado ter um conceito errado em relação ao problema apresentado pelo aluno, considerando-o desatento, relapso, sem vontade de aprender e em muitos casos denominado preguiçoso.[...] (Dislexia: O Grande Desafio em Sala de Aula, ALMEIDA, 2009).

Alguns pontos podem ser um indicativo se o aluno tem dislexia ou não sendo detalhadas também por (RIBEIRO, 2009) como habilidades ou dificuldades.

Omissão ou invenção de palavras, por vezes o dislexico pode acelerar o processo de leitura tentando adivinhar o final da palavra e completando ela da forma errada, longas sentenças e dificuldades com o rastreamento das informações expostas fazem com que essa dificuldade seja atenuada.

Disgrafia, ter a letra feia não é necessariamente uma característica do dislexico, mas pode ser sim um forte indicativo "As dificuldade motoras [...] podem limitar o controle do utensílio de escrita" (1°, pg. 12). Por vezes a letra irá apresentar distintas formas pois é

custoso para ele repetir o mesmo padrão de caligrafia uma vez que eles muitas vezes possuem dificuldades motoras simples.

Fuga mental na sala de aula, disléxicos possuem um lado criativo aflorado, claro que vários outros podem apresentar esse quadro, mas quando um assunto apresenta uma dificuldade maior, alunos com dislexia tendem a se desligar do que o professor está ensinando naquele momento deixando suas mentes correrem soltas.

Dificuldades gerais com palavras com sentido oposto, direita e esquerda, leste e oeste, almoço e janta entre outras confusões que o dislexico comete, não por não entender o real significado, mas é comum que as palavras ao serem ditas se confundam. “[...] um pouco como soldado que no meio da parada vira à esquerda, quando o resto do regimento vira à direita” (1º, p.51).

Confusão com entregas de trabalhos ou prazos, geralmente sua organização é bagunçada devido ao fato de não ter compreendido o que foi dito e pedido pelo professor e sua falta de memória a curto prazo o faz esquecer de datas importantes. A falta de auto-gestão e organização podem ser vistas até mesmo em alunos na universidade (1º).

Claro que nenhum desses indícios é uma certeza, mas pode ser um pequeno alerta para que o professor fique atento, se ele notar que o aluno apresenta essas dificuldades constantemente, ele pode pedir ajuda da direção da escola para que entrem em contato com a família e façam uma investigação mais aprofundada.

6.2 Ferramentas de Ensino

Quando falamos desses alunos temos a ideia equivocada de que eles não irão aprender, mas sabe-se que disléxicos possuem nível intelectual normal “[...] independente das suas dificuldades de leitura e escrita. São pessoas criativas e inovadoras” (2º). Irão apresentar dificuldades também em outras disciplinas como na matemática, por exemplo, mas podem alcançar o sucesso como qualquer um. “[...] esse distúrbio não acontece devido a uma falta de inteligência do indivíduo ou por uma falta de oportunidade de aprender e nem são resultantes de doença cerebral adquirida.” (Intervenção Psicopedagógica e Dislexia, OLIVEIRA, 2016). Vamos tomar como exemplo a seguinte frase: “Vim, vi e venci”, parece relativamente simples sua leitura, mas a facilidade com a qual adquirimos a linguagem disfarça a complexidade do ato.

Ensiná-los pode ser desafiador, pois são alunos com características diferentes, mas existem algumas ferramentas que podem auxiliar no processo formativo.

Comunicação entre o aluno e o professor é algo fundamental, sendo que por vezes o aluno parece estar compreendendo quando na verdade não entendeu o que foi dito. O educador deve ter uma aproximação com seu aluno verificando sutilmente se este está

aprendendo ou não (5°) retomando o que nos diz (LOPES, 2011), as crianças não devem mudar seu jeito e sim a escola deve-se adaptar a elas não importa o que está sendo ensinado, só é válido se todos na sala de aula estão aprendendo.

Incentivar a leitura, se o educador contar com o apoio da família será ótimo estimularem sua leitura, livros de romances, fantasias, entre outros, isso irá trabalhar mais a sua criatividade e fazer com que adquira cada vez mais vocabulário (4°). Como descrito na introdução deste trabalho, podemos ver que o apoio da família foi uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da autora, comprovando como esse apoio é importante para o desenvolvimento. Auxílio temporal e sequencial também é uma boa técnica, ainda mais com o complemento de áudio e imagens. Assemelha-se muito com a ferramenta de leitura, pois pode proporcionar ao aluno fazer ligações com gráficos e linhas temporais.

Explorando sua criatividade, assim sendo professores que incluíram investigação científica, na qual o aluno é o investigador do conhecimento relataram terem sentido um grande efeito no aprendizado (1°). É interessante lembrar como (LIMA, 2013) relata que provavelmente nos começos das civilizações, quando não havia o letramento, disléxicos deveriam ser os contadores de história, por serem os mais criativos. Além é claro que professores que se dedicam de fato a ensinar alunos com dislexia possuem o prazer de aprender como estes vêem o mundo (5°).

Por serem pessoas com uma criatividade tão aflorada é indicado que sentem longe da janela ou fundo da sala de aula, isso fará com que fiquem mais focados e passem a gerir o próprio trabalho com mais facilidade (1°, pg. 53).

Atividades lúdicas, “[...] o lúdico desenvolve aspectos no aprendente, sendo assim muito importante para o processo de aprendizagem do ser humano [...]”(2°). Atividades lúdicas são atrativas e despertam o interesse, Sair do exercício escrito no papel usando o lúdico e o criativo são técnicas que se mostram eficientes por estimularem o aprendizado de maneira prazerosa (2°). Ele não precisa ficar limitado somente aos anos iniciais, podendo ser usados softwares tanto no ensino de física, química e biologia. Utilizar essas atividades também auxiliam no foco e a treinar a concentração.

Trabalhar seu emocional, “As pessoas disléxicas sofrem um excessivo sentimento de inferioridades” (2°). em vários momentos sentem-se assim por terem um tempo diferente de aprender e por não conseguirem expressar ideias pensamentos em frases (2°), isso irá impactar diretamente em seu desenvolvimento “As crianças disléxicas têm mais dificuldade em encontrar a palavra certa, sobretudo quando estão sobre pressão” (1° pg. 35), esses alunos possuem o tempo próprio para aprender e por consequência muitas vezes serão os últimos a terminar tarefas propostas.

Pode ser uma tarefa complexa, mas se o ambiente escolar é favorável ao aprendizado o aluno não sentirá medo de ter dificuldades, pois ele sabe que o local em que está dará

aprendendo ou não (5°) retomando o que nos diz (LOPES, 2011), as crianças não devem mudar seu jeito e sim a escola deve-se adaptar a elas não importa o que está sendo ensinado, só é válido se todos na sala de aula estão aprendendo.

Incentivar a leitura, se o educador contar com o apoio da família será ótimo estimularem sua leitura, livros de romances, fantasias, entre outros, isso irá trabalhar mais a sua criatividade e fazer com que adquira cada vez mais vocabulário (4°). Como descrito na introdução deste trabalho, podemos ver que o apoio da família foi uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da autora, comprovando como esse apoio é importante para o desenvolvimento. Auxílio temporal e sequencial também é uma boa técnica, ainda mais com o complemento de áudio e imagens. Assemelha-se muito com a ferramenta de leitura, pois pode proporcionar ao aluno fazer ligações com gráficos e linhas temporais.

Explorando sua criatividade, assim sendo professores que incluíram investigação científica, na qual o aluno é o investigador do conhecimento relataram terem sentido um grande efeito no aprendizado (1°). É interessante lembrar como (LIMA, 2013) relata que provavelmente nos começos das civilizações, quando não havia o letramento, disléxicos deveriam ser os contadores de história, por serem os mais criativos. Além é claro que professores que se dedicam de fato a ensinar alunos com dislexia possuem o prazer de aprender como estes vêem o mundo (5°).

Por serem pessoas com uma criatividade tão aflorada é indicado que sentem longe da janela ou fundo da sala de aula, isso fará com que fiquem mais focados e passem a gerir o próprio trabalho com mais facilidade (1°, pg. 53).

Atividades lúdicas, “[...] o lúdico desenvolve aspectos no aprendente, sendo assim muito importante para o processo de aprendizagem do ser humano [...]”(2°). Atividades lúdicas são atrativas e despertam o interesse, Sair do exercício escrito no papel usando o lúdico e o criativo são técnicas que se mostram eficientes por estimularem o aprendizado de maneira prazerosa (2°). Ele não precisa ficar limitado somente aos anos iniciais, podendo ser usados softwares tanto no ensino de física, química e biologia. Utilizar essas atividades também auxiliam no foco e a treinar a concentração.

Trabalhar seu emocional, “As pessoas disléxicas sofrem um excessivo sentimento de inferioridades” (2°). em vários momentos sentem-se assim por terem um tempo diferente de aprender e por não conseguirem expressar ideias pensamentos em frases (2°), isso irá impactar diretamente em seu desenvolvimento “As crianças disléxicas têm mais dificuldade em encontrar a palavra certa, sobretudo quando estão sobre pressão” (1° pg. 35), esses alunos possuem o tempo próprio para aprender e por consequência muitas vezes serão os últimos a terminar tarefas propostas.

Pode ser uma tarefa complexa, mas se o ambiente escolar é favorável ao aprendizado o aluno não sentirá medo de ter dificuldades, pois ele sabe que o local em que está dará

todo o suporte que ele necessita e não irá julgá-lo (1º, pg.38). Isso retoma a ideia já discutida aqui de que a escola deve ser capaz de atender todos os alunos, tais ferramentas não são muletas, mas sendo este aluno com uma peculiaridade diferente é importante que existam meios diferentes para fazê-lo aprender como os demais.

6.3 Ferramenta de Avaliação

Quando falamos de avaliação, devemos ter cuidado com as técnicas que serão utilizadas, uma prova com uma estruturação errada pode desmotivar o aluno, assim como (LOPES, 2011) aponta que o aluno precisa sim receber ajuda para evoluir, fazendo com que este se sinta capaz e não perca o interesse por aprender. Algumas ferramentas são relativamente simples e podem ser aplicadas dentro da sala de aula.

Provas com textos curtos ou então com textos quebrados, isso permite que o aluno consiga entender o que leu antes do próximo passo (6º), Sem muito floreio na criação da prova, utilizar sempre a mesma fonte de letra pode mantê-lo focado e não tentando entender o significado de uma letra diferente naquele texto.

Recomenda-se provas orais (5º), com a leitura inicial do educador “O aluno disléxico apresenta dificuldades na decodificação e com a leitura do professor terá uma facilidade para responder” (4º), provas práticas para o ensino de ciências podem ser uma ótima alternativa para avaliar o conhecimento do aluno.

Tempo diferenciado, visto que esse aluno leva mais tempo para realizar as provas, se elas fossem orais poderiam auxiliar o aluno, tanto em relação ao tempo, quanto em relação ao conteúdo (5º). Retomando o princípio que a conferência de Salamanca nos deu, “Não estamos privilegiando os disléxicos, apenas estamos oferecendo a esse aluno uma oportunidade de se expressar na forma em que é mais eficiente” (4º).

Revisar a prova posteriormente com o aluno, “Não registrar a nota sem antes retomar a prova com ele e verificar o que ele quis dizer com o que escreveu (6º), por vezes o aluno sabia a resposta, mas não encontrou as palavras certas para se expressar.

Um professor jamais será capaz de ensinar se ameaçar e chantagear o aluno, na verdade é correto fazer o oposto “Valorize as capacidades da criança e procure ensiná-la apoiando-se nos seus pontos fortes”(1º, pg 58).

6.4 O que falta em pesquisa

Cronologicamente notamos um aumento de trabalho científico com o tema dislexia, obviamente a conferência de Salamanca alavancou o avanço nesse tipo de pesquisa e a

partir disso, falamos cada vez mais em inserir todos os alunos dentro da sala de aula, independente de suas necessidades educativas especiais (4°).

Contudo, parece haver uma lacuna entre novos estudos sobre o tema e o professor, muitos dos trabalhos analisados para esse trabalho relatam e demonstram ferramentas que podem ajudar no ensino e na avaliação de um aluno com dislexia e é considerado de grande importância o papel do professor para o desenvolvimento e aprendizado do aluno, mas pré-supõem que este tenha tido uma base conceitual em sua formação, não foram analisadas nada que demonstre que tais estudos chegaram na mão de um educador.

De que vale teses, artigos e revistas se ele não atinge o objetivo final? Fica claro então que seria necessário haver mais estudos de campo para verificar se tais ferramentas que parecem muito promissoras se aplicam na realidade e principalmente se é de conhecimento do professor.

7 Conclusão

Não podemos mais permitir que alunos sejam rotulados como desinteressados e deixar que ele vá avançando na escola sem aprender, existem várias NEE, mas quando falamos de dislexia tocamos em um ponto especial para essa autora.

Por muito tempo minhas dificuldades me limitaram e podaram meus sonhos, graças ao meu ambiente eu consegui romper essas barreiras, meus pais me incentivaram constantemente a ter uma boa profissão, conquistar minha independência e a aprender da minha forma, foram várias tentativas frustradas, até eu achar minha maneira, hoje ela é única e ao menos para mim, infalível.

Retomando o objetivo deste trabalho, podemos perceber que a lacuna entre pesquisas e conhecimento do professor é grande, de que adianta aprofundamento sobre o tema se isso não chega nas mãos de um professor, sendo este a principal ligação com o aluno.

Eu nunca fui taxada como disléxica, mas sei que todas as ferramentas aqui apresentadas me ajudaram no meu aprendizado (inclusive muitas delas continuo usando) e sei que teria sido bem menos custoso essa trajetória, com essas ferramentas. Foram poucos os professores que encontrei em minha jornada que conseguiram identificar em mim uma dificuldade legítima e não apenas desinteresse, alguns acreditaram no meu potencial e me ajudaram a me desenvolver, respeitando minhas limitações e meu tempo.

É graças a isso que hoje realizo esse trabalho, é graças a Alessandra do passado que lia livros em voz alta para entrar dentro delas, sem ter que ficar presa em palavras, que pude ler todos esses trabalhos, analisá-las e escrever tudo isso e é por esse motivo que acho todo esse trabalho relevante, pois com ele podemos dar suporte para professores que estão dentro da sala de aula, estes seriam capazes de modular o ambiente de um aluno com dislexia, identificado e principalmente entendendo suas dificuldades.

No ensino de ciências por vezes vemos educadores presos em apostilas delimitando a criatividade dos alunos, percebe-se também que dentro da sala de aula vários caminhos são válidos, mas aqueles em que utilizam o aluno como pesquisador propiciam melhor avanço na aprendizagem principalmente alunos com dislexia que precisam praticar o lado criativo a fim de que possam aprender de forma efetiva.

As ferramentas aqui trabalhadas não são apenas ilustrativas, são de fato possíveis de serem usadas no dia a dia de todo professor, este por sua vez pode não ter tido

conhecimento sobre elas, mas com esse trabalho ele pode impulsionar sua forma de ensinar e principalmente alcançar todos os alunos, até mesmo os disléxicos.

É interessante dizer que nas primeiras aulas de metodologia de ensino deste curso pude perceber o quanto é importante o papel de um professor, aos meus olhos ele é um grande super herói, não importa as dificuldades que ele tenha que enfrentar, o bom professor irá lutar para ensinar todos os alunos.

Ele tem a chance de impactar profundamente a vida dos seus alunos, mas citando o escritor Stan Lee *"Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades"*, um professor precisa estar capacitado para lidar com qualquer estudante, reconhecendo suas dificuldades e sabendo como fazer os alunos superarem, guiá-lo nessa jornada.

Entendemos a importância e o valor que um educador tem para cada aluno e quando este é capaz, por exemplo, de reconhecer um aluno com dislexia e consegue ajuda-lo a romper com barreiras que muitas vezes o limitam ele atinge o real sentido da sua profissão. Independente da formação do educador esse trabalho tem a função de ajudar um dos profissionais mais importante do mundo e conseqüentemente ajudar vários alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, S. R. C. Atitude dos pais e professores em crianças com dislexia. Dissertação - Escola Superior de Educação Almeida Garret. Lisboa, 2011. Disponível em: <[ReCiL - Repositório Científico Lusófona: Atitude dos pais e professores em crianças com dislexia \(grupolusofona.pt\)](#)> Acesso em: 19 de jul. de 2022.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca – Espanha, 1994. Disponível em: <[Microsoft Word - Documento3 \(mec.gov.br\)](#)> Acesso em: 19 de set. de 2022.

LOPES, M. C. S. Atitude dos professores do 1º e 2º ciclos do ensino básico face à inclusão de alunos com dislexia no ensino regular. Dissertação - Escola Superior de Educação Almeida Garret. Lisboa, 2011. Disponível em: <[ReCiL - Repositório Científico Lusófona: Atitude dos professores do 1º e 2º ciclos do ensino básico face à inclusão de alunos com dislexia no ensino regular \(grupolusofona.pt\)](#)> Acesso: em 21 de jul. de 2022.

SERRA, I. NEE dos alunos disléxicos e/ou sobredotados. **Saber (e) Educar**. 2008. Disponível em: <[Saber Educar 13.pdf \(eseopf.pt\)](#)> Acesso em: 23 de jul. de 2022.

RIBEIRO, S. K. Desmistificando a Dislexia: Pequenas adaptações para Grande Habilidades. 2009. Disponível em: <[DESMISTIFICANDO A DISLEXIA: PEQUENAS ADAPTAÇÕES PARA GRANDES HABILID... \(slideshare.net\)](#)> Acesso em: 15 de set. de 2022.

SÁ-SILVA, J. R. Ensino de Ciências e Educação para Diversidade. 2018. Disponível em:<[Ensino de ciências e educação - E-book - Baixar pdf de Doceru.com](#)> Acesso em: 19 de set. de 2022.

LIMA, S. B Dislexia e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa: Um Estudo De Caso. 2013. Disponível em:< [2013_LuisaBarbosadeLima.pdf \(unb.br\)](#)> Acesso em: 19 de set. de 2022.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas Faces. Disponível em:< [artigo 6 \(scielo.br\)](#)> Acesso em: 26 de set. de 2023

COGAN, P. O que os professores podem fazer: a dislexia nas várias culturas. Bruxelas: DITT. 2012. Disponível em:< [Prelims-PO for pdf \(atividadeparaeducacaoespecial.com\)](#)> Acesso em: 20 de ago. de 2023.

OLIVEIRA, M. C. O. Intervenção Psicopedagógica e Dislexia: Um relato de caso clínico. 2016. Disponível em: < [Repositório Institucional da UFPB: Intervenção psicopedagógica e dislexia: um relato de caso clínico](#) > Acesso em: 18 de ago. de 2023.

BERGAMINI, T. D. D. O papel do psicopedagogo, suas intervenções e estratégias em alunos com dislexia. São Paulo: [s. n.], 2014. Disponível em: < [O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO, SUAS INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS EM ALUNOS COM DISLEXIA \(webartigos.com\)](#)> Acesso em: 19 de ago. de 2023.

SILVA, R. M. R; GAIA, M. C, M. Dislexia e o ensino de Ciências 2013. Disponível em: <[DISLEXIA E O ENSINO DE CIÊNCIAS | Silva | Acervo da Iniciação Científica \(metodista.br\)](#)> Acesso em: 19 de ago. de 2023

ALMEIDA, G. S. S. Dislexia: o Grande Desafio em Sala de Aula. 2009. Disponível em: <[Microsoft Word - Documento1 \(faculdedondomenico.edu.br\)](#)> Acesso em: 01 de ago. de 2023.

TITONI, C. C. S. Dislexia na Educação Escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico. Disponível em: <[Dislexia na educação escolar : técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico \(ufrgs.br\)](#)> Acesso em: 20 de ago. de 2023.

PROJETO DE LEI N.º 8.489. Despacho: Às Comissões de: Educação e Constituição e Justiça e de Cidadania (ART. 54 RICD). Disponível em: <[prop mostrarintegra \(camara.leg.br\)](#)> Acesso em: 09 de set. de 2023